

RESIDÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS
Residência Universitária em Carcavelos

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Teresa Cabral | 2019



Instituto Universitário de Lisboa

Escola de Tecnologias e Arquitectura

Departamento de Arquitectura e Urbanismo

Mestrado Integrado em Arquitectura

Projecto Final de Arquitectura 2018 | 2019

Teresa Sofia Resendes Cabral 60793

VERTENTE TEÓRICA

Residências Universitárias

Orientador: Professor Doutor Arq.º Pedro Alexande Aguiar Mendes, Prof. Auxiliar do ISCTE-IUL

VERTENTE PRÁTICA

Residência Universitária em Carcavelos

Tutor: Professor Doutor Arq.º Pedro Alexande Aguiar Mendes, Prof. Auxiliar do ISCTE-IUL

Trabalho Prático e Teórico submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitectura.

O presente trabalho não foi escrito ao abrigo do novo acordo ortográfico.

Lisboa | Outubro de 2019

ÍNDICE GERAL

PARTE I | VERTENTE TEÓRICA

Residência Universitária em Carcavelos

1. ANÁLISE DO TERRITÓRIO
2. PROPOSTA GRUPO
3. PROPOSTA INDIVIDUAL

PARTE II | VERTENTE PRÁTICA

Residências Universitárias

1. INTRODUÇÃO
2. RESIDÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS
3. CASOS DE ESTUDO
4. CONCLUSÕES
5. REFERÊNCIAS
6. ÍNDICE DE FIGURAS
7. ÍNDICE DE TABELAS

AGRADECIMENTOS

RESUMO

As universidades têm demonstrado interesse em estudar o nível de satisfação dos estudantes universitários, pois a **experiência de viver numa residência molda o comportamento e a personalidade do aluno**, que consequentemente influencia o seu desempenho académico.

Neste trabalho, são referidos os **factores de desenho que influenciam a satisfação residencial** associada ao projecto arquitectónico – acessos, tipos de quarto, serviços, entre outros - que serão apresentados no desenvolvimento do trabalho.

É referido um conjunto de **preocupações e recomendações, relativamente ao desenho do espaço exterior** – contexto, espaços livres, paisagismo e carácter arquitectónico – **e do espaço interior da residência** – espaços públicos, acessos e circulação e tipos de quartos.

Com a escolha arquitectónica de três casos de estudo, pretende-se elaborar esquemas síntese para análise dos aspectos arquitectónicos – circulações (vertical e horizontal), serviços, organização espacial e tipologia de quarto –, com o intuito de enquadrar nos parâmetros da satisfação residencial.

Este trabalho tem como objectivo complementar e fundamentar o projecto da Residência Universitária em Carcavelos, desenvolvido na componente prática de Projecto Final de Arquitectura.

Palavras chave: Residências Universitárias; Tipologias; Arquitectura.

ABSTRACT

Universities have shown an interest in studying the level of satisfaction of college students, as the experience of living in a residence shapes student behavior and personality, which consequently influences their academic performance.

In this paper, we describe the design factors that influence the residential satisfaction associated with the architectural project - access, room types, services, among others - that will be presented in the development of the work.

There are several concerns and recommendations regarding the design of the outer space - context, open spaces, landscaping and architectural character - and the interior space of the residence - public spaces, access and circulation and room types.

With the architectural choice of three case studies, it is intended to elaborate synthesis schemes for analysis of architectural aspects - circulations (vertical and horizontal), services, spatial organization and room typology - in order to fit the parameters of residential satisfaction.

This work aims to complement and support the project of the University Residency in Carcavelos, developed in the practical component of Final Architecture Project.

Keywords: University Residences; Typologies; Architecture.

INDICE

AGRADECIMENTOS	v
RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
INDICE.....	1
1. INTRODUÇÃO	3
1.1. Escolha do tema	4
1.2. Objectivos	4
1.3. Metodologia	4
1.4. Estrutura	5
2. RESIDÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS.....	8
2.1. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO	8
2.2. SATISFAÇÃO RESIDENCIAL.....	13
2.2.1. FACTORES DE DESENHO DO USUÁRIO	14
2.2.2. FACTORES DE DESENHO DO NÃO USUÁRIO	18
2.3. TIPOS DE MORADIA	21
DORMITÓRIOS/ RESIDÊNCIAS	24
APARTAMENTOS E ESTÚDIOS.....	28
CASAS E APARTAMENTOS INDIVIDUAIS	29
2.4. PREOCUPAÇÕES DE DESENHO	30

2.4.1.	DESENHO EXTERIOR	32
2.4.2.	DESENHO INTERIOR.....	34
2.4.3.	ACESSOS E CIRCULAÇÃO	38
2.4.4.	QUARTOS	40
3.	CASOS DE ESTUDO.....	48
3.1.	Apresentação e descrição dos projectos	48
3.2.	Proposta geral	48
3.3.	Proposta da residência.....	48
4.	CONCLUSÕES	54
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	55
	ÍNDICE DE FIGURAS	57
	ÍNDICE DE TABELAS	58

1. INTRODUÇÃO

“Embora no início do desenvolvimento dos alojamentos residenciais eles tenham sido reconhecidos e promovidos como uma importante ferramenta educacional, nos últimos anos o crescimento tem sido baseado nas tendências de matrículas e considerado em muitos campus como um serviço prestado aos estudantes. A mesma expansão, impulsionada pelas matrículas que promoveu as residências de arranha-céus, muitas vezes amaldiçoadas, também foi a génese de um novo compromisso com a educação dos estudantes que moram nas residências” (Blimling, 1995, p. 46).

Quando o acesso ao ensino superior deixa de ser restrito às classes mais ricas, muitos estudantes têm de se deslocar para perto das universidades, criando um problema de alojamento. As cidades não estavam preparadas para alojar o número crescente de matrículas. Este aumento da comunidade estudantil – deslocada e geralmente pobre – e a falta de oferta de alojamento por parte das cidades, obriga à construção dos **colleges**, ou faculdades residenciais, que surgem em Cambridge e que vão servir de modelo para várias universidades a nível internacional (Blimling, 1995).

O papel das universidades no alojamento de estudantes vai-se alterando, assumindo diferentes pressupostos: o alojamento faz parte da universidade e deve permitir o estudo perto das salas de aulas e professores; as universidades não são responsáveis pelo alojamento, considerando os alunos adultos auto-suficientes; é necessário integrar a habitação na vida académica, construindo grandes complexos residenciais para responder ao aumento das matrículas; os alojamentos devem responder às necessidades dos alunos, não são simplesmente um local para dormir.

O presente trabalho teórico investiga o tema das residências universitárias e desenvolve-se em conjunto com o trabalho prático de Projecto Final de Arquitectura.

1.1. Escolha do tema

A escolha do tema das residências universitárias surge após a análise e interpretação da área de estudo a intervir em PFA, onde foi seleccionado o tema e o programa a desenvolver. O projecto de uma residência universitária surge para dar resposta à falta de alojamento de estudantes, devido à crescente procura, impulsionada pela abertura da Nova School of Business and Economics em Carcavelos.

Para o desenvolvimento deste trabalho foi essencial perceber a importância da arquitectura, focando alguns aspectos que definem a qualidade de vida numa residência – circulação vertical e horizontal, serviços, hierarquia e organização espacial e a tipologia dos quartos.

1.2. Objectivos

O principal objectivo da investigação é recolher dados para fundamentar e complementar o desenho e desenvolvimento do trabalho prático de PFA, com o recurso a uma análise bibliográfica.

Pretende-se também perceber de que forma a arquitectura influencia a satisfação residencial, procurando encontrar algumas soluções/ recomendações que possam fundamentar um desenho de uma residência universitária.

1.3. Metodologia

- Recolha e estudo de bibliografia referente a vários tópicos: enquadramento histórico das residências universitárias e suas tipologias, satisfação residencial dos estudantes em relação ao projecto de arquitectura, recomendações de desenho e por fim, recolha de elementos para contextualização e análise dos casos de estudo.

- Definição dos factores de desenho que influenciam a satisfação residencial e qualidade espacial de uma residência.
- Definição de preocupações e recomendações, relativamente ao desenho de projecto de uma residência, focando nos espaços exteriores e interiores, públicos e privados.
- Selecção de casos de estudo contemporâneos, que incluem um projecto de referência internacional e dois projectos de contexto nacional: Casa dell'Accademia (Jachen Konz & Ludovica Molo), Residência das Laranjeiras (a.s* Atelier de Santos) e Residência de Estudantes (Adalberto Dias).
- Elaboração de esquemas síntese para cada caso de estudo onde se pretende analisar: tipo de edifício, circulação vertical e horizontal, organização programática e tipologias de quarto.
- Desenvolvimento do trabalho prático de PFA, com a contextualização, análise e desenvolvimento do projecto, relacionando os conceitos estudados anteriormente.
- Projecto Final
- Conclusões

1.4. Estrutura

O trabalho desenvolve-se em onze capítulos, começando com a Introdução onde é referido a escolha do tema, objectivos, metodologia e tópicos a analisar nos próximos capítulos.

No **capítulo 2** É feito um breve enquadramento histórico sobre o desenvolvimento das residências universitárias, entre os séculos. XIII e XX, onde são descritos alguns modelos de residência,

praticados nos Estados Unidos e na Europa, e alguns acontecimentos que vão influenciando a forma de pensar e construir as residências de estudantes.

O **capítulo 3** desenvolvido com base no **tipo de moradia**, onde são descritos os 3 tipos mais comuns de desenho de residências, divididos em 3 subcapítulos: 3.1. Dormitórios/ Residências, Apartamentos e Estúdios e Casas e Apartamentos individuais. Ainda no subcapítulo 2.2.1. Dormitórios / Residências é feita a referência a 2 **formas de edifícios** que, com base na forma como são organizados os quartos, circulação e serviços: **Corredor** (linear ou à volta de um núcleo de serviços) ou em **Escadaria**.

O **subcapítulo 2.3** centra-se na questão da **satisfação residencial em relação ao projecto arquitectónico** da residência. Com base na bibliografia, foram traçados dois tipos de factores que condicionam negativamente a satisfação residencial dos estudantes: **Factores de desenho do usuário** (subcapítulo 2.3.1) e **Factores de desenho do não-usuário** (subcapítulo 2.3.1). O primeiro relaciona-se com as áreas de actividade do estudante, sendo descritas três áreas comportamentais – 2.3.1.1. Privacidade e isolamento vs Interação social Forçada, 2.3.1.2. Proximidade e relações sociais – e uma área não comportamental, relativa às Actividades de estudo (2.3.1.3). O segundo descreve as fontes de **Factores de desenho do não-usuário** (subcapítulo 2.3.1): Finanças, Estudantes, Componente dos Dormitórios na Filosofia Educacional.

No subcapítulo **2.4. Preocupações do Desenho**, são descritas algumas preocupações e recomendações no planeamento de uma residência universitária. A informação vai sendo organizada em tópicos, referentes a vários aspectos que compõem o projecto. Iniciam-se com os aspectos relacionados com o **Planeamento exterior** (subcapítulo 2.4.1.2), relaciona-se com o Planeamento Urbano, onde são abordados temas como o Contexto, Espaços Livres, Paisagismo e Carácter Arquitectónico. O subcapítulo **2.4.1.2. Planeamento Interior**, divide-se em **Espaços públicos** – Hall de entrada, Lounges, Refeições e outros Espaços auxiliares – seguindo-se os **Acessos e circulação**

– Corredores e Escadas –, e por fim, os aspectos relacionados com os **Quartos** – Entrada dos Quartos, Tipos de Quarto, Mobiliário e Instalações Sanitárias.

Os seguintes capítulos contêm as conclusões, referências bibliográficas e anexos.

2. RESIDÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS

2.1. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

De forma a entender as residências de estudantes, é importante compreender quando aparecem e de que forma foram evoluindo. Muitas vezes sem um planeamento consciente, é visível que o padrão de evolução dos alojamentos surge como resposta a factores da história (Blimling, 1995, p. 46). Em forma de cronologia, são apresentados momentos da evolução, com base na investigação de Blimling¹.

A ORIGEM DAS RESIDÊNCIAS

“As residências devem a sua origem ao problema da habitação criada durante a Idade Média”, com a afluência de estudantes nas universidades de Bolonha, Paris e Oxford (Cowley² (1934) cit. por Blimling, 1995, p. 20).

Do SÉCULO XIV AO SÉC XVIII

Os estudantes vão deixando de viver com os professores e pessoas da cidade, e mudam-se para casas alugadas (maioritariamente geridas por grupos democráticos autónomos) que, em meados de 1400, passam a ser geridas pelas universidades (Blimling, 1995, p. 20).

1 Blimling, G. (1995). The history of Residence Halls. *In The Resident Assistant: working with College Students in Residence Halls* (Fourth, pp. 19–40).

2 Blimling (1995) considera que o trabalho de W. H. Cowley, escrito em 1934, como sendo “*um dos exames mais abrangentes sobre as origens e a história inicial das residências*”.

De acordo com Loureiro (1986), os “*colégios com lugares de residência para estudantes existiram em Bolonha desde muito cedo, mas só no século XIV é que possuíram alguma organização*” (cit. por Barreto, 2014, p. 28). Conhecidos como “*domus*”, destinavam-se a apoiar os estudantes pobres, e era considerado um apoio excepcional, pois “*Na Renascença Italiana, a formação académica era um privilégio de quem pudesse pagar tanto pelos estudos quanto por todos os outros gastos com materiais, alimentação e moradia em geral*” (Grendler, 2002 cit. por Barreto, 2014, p. 28).

RAÍZES NO SISTEMA BRITÂNICO - SÉCULO XIV

De modo a dar resposta à pobreza de muitos estudantes, Oxford estabelece os “***domus pauperums***” como instituições de caridade, um sistema de alojamento que vai surgindo ao longo da Europa até ao século XVIII, com diferentes designações: ***Hostels*** (Bolonha), ***Paedagogies*** (Paris), ***Halls*** ou ***colleges*** (Oxford e Cambridge) e ***Bursens*** (Alemanha) (Blimling, 1995, p. 20).

ORIGEM NOS ESTADOS UNIDOS – SÉCULO XVII

O desenvolvimento do “***campus housing***” surge nos Estados Unidos em 1636, segundo o modelo Oxford e Cambridge, onde o objectivo é colocar o alojamento perto das salas de aula e das residências dos professores (Davis, 2003, p. 161). Blimling (1995) reforça a diferença entre os sistemas americano e britânico: o primeiro apenas procura dar resposta à necessidade de alojamento, enquanto que o segundo tinha como objectivo a construção do carácter e intelecto dos alunos.

SÉCULO XVIII

A Revolução Francesa estabelece um conjunto de princípios que condicionam o destino dos alojamentos geridos pelas instituições públicas de ensino: *“ensino de qualidade, acessível a todos os cidadãos e apoio governamental em diversas instâncias, até fora da sala de aula”* (Barreto, 2014, p. 28).

SÉCULO XIX

De acordo com Blimling (1995), o século XIX representa um período de **desprezo pela moradia estudantil**: as universidades, não reconhecendo a moradia e a vida social dos estudantes como algo de sua responsabilidade, *“começam a importar o modelo educacional originado na Alemanha onde os estudantes vivem fora do campus e aprendem como adultos auto-suficientes”* (Davis, 2003, p. 161). No entanto, este princípio foi suspenso porque o mercado imobiliário não consegue acompanhar o crescimento das universidades, ao mesmo tempo que começa a haver preocupação (por parte dos administradores) de que o alojamento fora do campus possa comprometer o percurso académico (Davis, 2003, p. 161).

RESIDÊNCIAS AMERICANAS DO INÍCIO DO SÉCULO XX

“As Universidades estavam novamente proporcionando vivência integrada com a experiência académica para os números crescentes de estudantes” (Davis, 2003, p. 161), assumindo o papel de educar o carácter e intelecto do aluno, ajudando-o a descobrir a sua vocação e a prepará-lo para ser um bom cidadão. Grande parte deste trabalho é feito fora das salas de aula, nas horas em que o aluno convive livremente com os seus colegas, se expressa e adquire o hábito de pensar, falar e viver em comunidade. (Hughes cit. por Blimling, 1995, p. 26)

Após a Primeira Guerra Mundial, há uma sobrelotação devido ao aumento de matrículas, o que originou a necessidade, por parte das instituições, de construir mais alojamentos (Blimling, 1995, p. 25).

RESIDÊNCIAS NOS ANOS 30

As universidades, neste período, olham para as residências como um “lar”, e como responsáveis por moldar o carácter dos alunos, devem agir no lugar dos pais, “*loco parentis*”. A instabilidade social e económica vivida na época é reflectida no campus e nas residências: surge assim a **moradia de baixo custo** (exemplo de moradias cooperativas onde o preço da renda era proporcional aos serviços pedidos), para dar resposta ao aumento de matrículas (Blimling, 1995, pp. 33–35).

RESIDENCE HALLS APÓS A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Há uma nova geração de estudantes que regressa da Segunda Guerra Mundial – mais velhos, sérios e experientes – que põe em causa o modelo “*loco parentis*” e cria um novo problema de habitação: moradias não só para os estudantes, mas também para as suas famílias. Nos anos 50, com o intuito de gerar fundos para custear a construção e funcionamento, as novas residências são construídas com base no custo por metro quadrado (Blimling, 1995, p. 37,38).

RESIDÊNCIAS NOS ANOS 60

De acordo com Blimling (1995), é nesta década que são construídos grandes complexos residenciais, financiados pelo estado. Surgem muitas residências com mobiliário embutido, que por ser anexado à estrutura, era incluído no financiamento. Tanto Blimling (1995) como Davis (2003), referem a falta de preocupação em integrar a vida residencial com a vida académica:

“Tipicamente, estruturas de 6 a 8 andares foram organizados no perímetro do campus... sem uma relação perceptível de desenho com outros sectores do campus, o produto final foram grandes complexos de residências em dormitórios...com pouca reflexão sobre a maneira como a vida residencial pode ser integrada à vida académica” (Dober (1963) cit. por Davis, 2003, p. 161)

Em meados da década de 70, os estudantes recorrem às residências universitárias por questões financeiras, sendo mais económico viver na residência, do que nos alojamentos fora do campus.

NO FINAL DO SÉCULO XX

No final do século XX, as Instituições demonstram uma maior preocupação quanto às *“características únicas, necessidades e desejos dos seus alunos, necessidade de explorar diferentes alternativas de financiamento, práticas de gerenciamento de instalações e outras preocupações. O resultado foi mais programas e projectos de moradias estudantis que foram mais capazes de atender aos objectivos sociais, económicos e operacionais.* (Davis, 2003, p. 161).

2.2. SATISFAÇÃO RESIDENCIAL

“A habitação é parte integrante da vida académica e social de um estudante”.

Charles Davis

Apesar das melhorias na qualidade das residências universitárias, a economia da construção continua a ser um factor que dificulta um bom planeamento e desenho, onde muitas vezes as preocupações sociais são postas de parte (Davis, 2003, p. 161).

Tavares, Pacheco, & Pereira (2018) fazem uma revisão da literatura sobre o tema das residências universitárias, com base em estudos internacionais, onde constataam que “existem elementos de qualidade, de ambiente, de espaço físico e de acomodação que estão relacionados com a satisfação dos estudantes nas residências universitárias”. Afirmam que a experiência de viver numa residência molda o comportamento e a personalidade do aluno, e na presença de boas instalações, influencia positivamente o seu desempenho na universidade. Enumeram alguns **aspectos positivos** das residências - desempenho académico; facilidade de adaptação, interacção; aumento da tolerância – e **aspectos negativos** – falta de privacidade; preços praticados e qualidade das instalações; problemas com a alimentação; distância/localização e segurança (Tavares, Pacheco, & Pereira, 2018, p. 278).

No geral, a **satisfação residencial ou habitacional** é *“definida pela experiência de um balanço positivo entre as expectativas e a realidade em relação a uma habitação”* (Thomsen, 2007, p. 578). Os aspectos físicos, fase da vida, tipo de vizinhança, expectativas pessoais, experiências anteriores e avaliação subjectiva são alguns dos factores que influenciam a satisfação residencial (Gifford, 2002; Richter, 2004 cit. in Thomsen, 2007).

As necessidades dos alunos são incomuns, na opinião de Mullins (1971), em alguns aspectos, pois *“trabalham a todas as horas e exigem instalações para fazê-lo”*. Na sua perspectiva, o estudo do tempo gasto nas várias instalações comuns - disponíveis na localidade, na residência e nos quartos individuais e instalações associadas - permitiria perceber as preferências e necessidades de viver num alojamento.

Segundo Tavares, Pacheco, & Pereira (2018), as universidades têm demonstrado interesse em estudar o nível de satisfação dos estudantes universitários. De acordo com Davis (2003), *“as universidades são mais capazes de determinar as necessidades de moradia de estudantes e professores se forem oferecidas alternativas quanto ao custo, carácter social e comodidades”*, até porque os estudantes já não se enquadram no “perfil tradicional” (de 18 a 21 anos): vêm de diferentes grupos etários e de diversas origens raciais, culturais e económicas (Davis, 2003, p. 161,162).

O objectivo deste capítulo é definir quais são os **aspectos do ambiente contruído** que **influenciam a satisfação residencial na residência universitária**.

2.2.1.FACTORES DE DESENHO DO USUÁRIO

Heilweil (1973) refere que os **factores de desenho** relacionados com a insatisfação, associada ao projecto arquitectónico, podem ser divididos em dois: os do **“usuário”** e do **“não usuário”**. Os **factores de desenho do usuário** correspondem às **áreas de actividade do estudante: três áreas comportamentais** – privacidade e isolamento VS interacção social forçada; proximidade e relações sociais; actividades de estudo - e **uma área não comportamental** – a individualização (Heilweil, 1973, p. 379,380). De acordo com a investigação de Heilweil (1973), são descritas – na Tabela 1 – algumas situações que contribuem para a insatisfação residencial.

Tabela 1 FACTORES DE DESENHO DO USUÁRIO: **ÁREAS DE ACTIVIDADE DO ESTUDANTE**

ÁREAS COMPORTAMENTAIS	PRIVACIDADE E ISOLAMENTO VS INTERACÇÃO SOCIAL FORÇADA	<ul style="list-style-type: none"> • QUARTOS • AREAS COMUNS • OBJECTIVO E PROPOSITO DA RESIDÊNCIA • CORREDORES • SALAS DE REFEIÇÕES • INTERACÇÃO SOCIAL
	PROXIMIDADE E RELAÇÕES SOCIAIS	<ul style="list-style-type: none"> • FLUXO DE TRÁFEGO • PADRÕES DE ADJACÊNCIA • EDIFÍCIO ALTO E BAIXO
	ACTIVIDADES DE ESTUDO	<ul style="list-style-type: none"> • QUARTO
ÁREA NÃO COMPORTAMENTAL	INDIVIDUALIZAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • MOBÍLIA

PRIVACIDADE E ISOLAMENTO VS INTERACÇÃO SOCIAL FORÇADA

- **QUARTOS** – o estudante gasta muito tempo livre na residência, sendo um dos principais problemas a falta de privacidade. Os quartos individuais são os primeiros a ser escolhidos.
- **ÁREAS COMUNS** – as áreas comuns de um apartamento, mesmo pequenas, fazem parte do espaço individual. Numa residência isso não acontece. A grande diferença é quanta propriedade pode ser exercida e com quantas pessoas tenho de partilhar.
- **OBJECTIVO E PROPOSITO DA RESIDÊNCIA** – para o administrador o objectivo é a união, intimidade e estilo de vida informal. Os estudantes querem estar sozinhos e vêem a residência como mais uma instituição da sociedade em massa.
- **CORREDORES** – aqui a sociabilidade também é incentivada, muitas vezes forçada, quando as portas dos quartos são colocadas frente a frente. Quando as duas estão abertas, há contacto visual ou falta de privacidade visual.

- **SALAS DE REFEIÇÕES** – *“a experiência de jantar juntos é mais uma parte da união que marca a vida num dormitório”*.(Heilweil, 1973, p. 383) No caso dos espaços institucionais, os maiores problemas não derivam dos aspectos físicos, mas sim de uma ementa limitada, horários fixos, entre outros. No entanto, a flexibilidade e o tamanho das salas podem condicionar o nível de sociabilidade: se é grande, é mais social, com espaços amplos para relaxar; se é pequena, é menos social, pois depende de rápida mudança, com refeições curtas e menos relaxadas.
- **INTERACÇÃO SOCIAL** – os dormitórios incentivam a sociabilidade e vida em comunidade, mas quando forçada, a sociabilidade e falta de privacidade traduzem-se num problema.

PROXIMIDADE E RELACÕES SOCIAIS

- **FLUXO DE TRÁFEGO** – é importante para *“decidir quem se encontra com quem, ou pelo menos com que frequência, e em que circunstâncias da casualidade”* (Heilweil, 1973, p. 386). Por exemplo, num apartamento de dois andares separados por escadas nas extremidades, a pessoa que mora perto das escadas conhece mais facilmente os moradores do prédio
- **PADRÕES DE ADJACÊNCIA** – relacionam-se com o conceito de **distância funcional**, ou seja, distância que deve ser percorrida em vez da distância física total. Áreas adjacentes separadas e mal ligadas são, funcionalmente, mais distantes do que outras mais afastadas mas bem ligadas. Dois grupos, socialmente criados por dois blocos de quartos separados, podem se aproximar com o desenho de um espaço central comum, onde ambos possam ir.
- **HIGH RISE vs LOW RISE** – As residências tendem a crescer em altura, resultando em **edifícios altos** com mais de 5 pisos. Para além de criar um diferente padrão social, o facto de ser necessário incluir os elevadores, aumenta os custos de construção e é uma das causas de insatisfação, quando o serviço é deficiente. Já nos **edifícios baixos**, os moradores

têm maior contacto com o exterior, podendo relaxar ou estudar nos jardins ou praças e, como servem menos pessoas, os espaços de refeição são mais íntimos.

ACTIVIDADES DE ESTUDO

- **QUARTO** – O barulho de fundo produzido pela alta densidade de estudantes, com horários e estilos de trabalho diferentes, é um dos principais factores de insatisfação. A falta de condições no quarto, com secretarias muito pequenas para um estudo intensivo e ausência de espaço para guardar livros, e o facto do quarto ser individual ou partilhado, condiciona a qualidade do estudo.

INDIVIDUALIZAÇÃO

- **MOBÍLIA** – no quarto, as acções do estudante estão circunscritas pela mobília que constitui a maior porção do micro-ambiente do estudante. A proibição de decorar, mover mobília e a mobília embutida, impedem a personalização do quarto e a transformação deste num “lar”. No caso de quartos partilhados, esta impossibilidade condiciona negativamente a satisfação, impedindo que o estudante possa utilizar a mobília para aumentar sua privacidade, para estudar ou dormir.

2.2.2. FACTORES DE DESENHO DO NÃO USUÁRIO

Para além dos factores associados às áreas de actividade do estudante, Heilweil (1973) descreve três fontes de **factores de desenho do não usuário** – finanças, estudantes e componente dos alojamentos na filosofia educacional – que confirmam que as residências não têm sido desenhadas de acordo com as necessidades dos estudantes.

- **FINANÇAS:** a **questão financeira**, quase sempre tida como uma necessidade prioritária, é a principal causa de um **olhar institucional**. Estas restrições financeiras³ apoiam-se na necessidade de reduzir os custos da construção, de onde resultam: repetição de quartos iguais ou semelhantes, corredores rectos, instalações centralizadas e em massa, e uso de materiais com deficiente isolamento acústico (Heilweil, 1973, p. 397).
- **ESTUDANTES:** O desenho actual das residências resulta de uma filosofia de “como são os alunos” e “o que eles esperam”, que Heilweil considera incorrecta, visto que “*à medida que maiores proporções da população frequentavam a faculdade, surgiam necessidades mais diversas no campus e era necessário um ambiente mais variado*” (Heilweil, 1973, p. 400). Com os jovens a amadurecer mais cedo, **as residências deviam se apoiar nas necessidades dos estudantes mais velhos**, em geral mais sérios. O investimento no mercado do alojamento estudantil acompanha o aumento do número de estudantes,

³ Heilweil apoia-se na declaração: *University Facilities Reserch Center (1963) High-Rise or Low-rise Madison, Wisconsin: Educational Facacilities Laboratories*

competindo com o campus: com a competição vem escolha, e os alunos já não estão dispostos a tolerar condições insatisfatórias.

- **COMPONENTE DOS DORMITÓRIOS NA FILOSOFIA EDUCACIONAL** – é nesta área que Heilweil (1973) acredita haver grande potencial para mudança. No início, os dormitórios eram ocupados por jovens, logo eram desenhados para jovens e as políticas dos dormitórios partiam do pressuposto que os alunos mudariam para alojamentos individuais ou privados após alguma exposição à vida universitária. E é após esta exposição e com a transição para a vida adulta que começam a surgir as reclamações: as residências, para melhor dar resposta às necessidades dos alunos, têm de se adaptar, acompanhando a mudança do tipo de estudantes e das suas expectativas.

Posto isto, Heilweil (1973) afirma que o **principal ataque** aos problemas residenciais passa por “*ouvir as queixas dos estudantes e redesenhar de acordo com as suas necessidades e pedidos*”. Um aspecto de mudança envolve o **redesenho** da área onde o estudante passa a maior parte do seu tempo, ou seja, o “***study bedroom***” e a **área de corredor adjacente**. A opção de agrupar 4 ou 5 quartos e criar uma área partilhada por poucas pessoas – separando a porta, do quarto, do corredor principal - permite criar um espaço **semi-público**, que não é o quarto, mas que pode ser apropriado e personalizado, passando a fazer parte do espaço individual de cada um. Desta forma, “*a antiga planta da casa de quartos e salas comuns - um sistema social de dois estágios - foi substituído por uma nova planta com três estágios: o quarto, a sala de estar e o lounge*” (Heilweil, 1973, p. 403).

O **segundo ataque** é repensar a residência que, de acordo com a mudança na separação entre a área de viver e trabalhar, pode “***incluir áreas de trabalho como salas de aula, escritório do corpo docente, bibliotecas, laboratórios, áreas de estudo e outros elementos de áreas de estudo***” (Heilweil, 1973, p. 403).

Heilweil (1973) aponta ainda algumas **necessidades futuras** dos estudantes: **sítios para estudar**, sossegados e sem distração ou distância dos materiais; **flexibilidade necessária para experimentação com relações sociais** - oportunidades para vários graus de proximidade, grupo e privacidade (muitas vezes comprometidas com o uso do quarto duplo como unidade base, e com o alojamento de grandes números de estudantes).

A **suíte** permite *“um processo de duas etapas para conhecer novas pessoas e controlar o grau da exigência e expectativa social”* (Heilweil, 1973, p. 408). A existência de áreas comuns – que podem incluir instalações sanitárias e/ou cozinha – possibilita a realização das tarefas de manutenção através de diferentes graus de cooperação entre colegas de quarto e suite.

2.3. TIPOS DE MORADIA

O projecto de uma residência universitária é definido pelo **número de estudantes e serviços** que cada unidade disponibiliza, sendo o desenho “*determinado em grande parte pelo número de quartos de estudo agrupados e pela maneira como são fornecidas as refeições e outras instalações*” (Pride, 2008). A possibilidade de escolha do ambiente residencial, através da oferta de diferentes tipos de quarto, equipamentos e serviços, reduz o carácter institucional (Scoaris, 2012).

Para tentar definir um “suporte funcional”, Scoaris (2012) agrupa algumas **funções e actividades**⁴ comuns aos estudantes universitários, agrupando-as em 4 zonas de uso: ***Repouso pessoal, Estudo e convívio; Refeições; Instalações sanitárias e Outros.***

⁴ As funções e actividades descritas por Scoaris (2012) baseiam-se no trabalho de Boueri, J. (2008) “*Projeto e Dimensionamento dos Espaços da Habitação: Espaço de Atividades*”

Tabela 2 **Funções e actividades** dos estudantes universitários, adaptado de (Scoaris, 2012)

ZONAS DE USO	FUNÇÕES	ACTIVIDADES
REPOUSO PESSOAL, ESTUDO E CONVÍVIO	REPOUSO PESSOAL	Dormir Descanso individual/ duplo Convalescer Permanência em reservado
	ESTUDO	Estudo individual Estudo em grupo
	ESTAR / LAZER	Estar passivo Receber visitas Eventos sociais sem grupo
REFEIÇÕES	PREPARO DE REFEIÇÕES	Preparo de alimentos Arrumação de louças e utensílios Tratamento de resíduos
	REFEIÇÕES	Refeições correntes Refeições formais Estar à mesa
INSTALAÇÕES SANITÁRIAS	HIGIENE PESSOAL	Lavagens corporais Funções vitais Cuidados pessoais
OUTROS	TRATAMENTO DE ROUPA	Lavar Secar Passar Cuidar dos calçados
	MANUTENÇÃO E ARRUMAÇÃO	Limpeza geral Arrumação geral Manutenção geral Controle ambiental Vigilância e segurança Tratamento de resíduos domésticos
	ESTACIONAMENTO	Uso do veículo

De forma genérica, podemos dizer que a residência é composta por espaços de uso comum e de uso privado mas, como em qualquer projecto, não existe um modelo único para o alojamento de estudantes universitários, pois as “particularidades como o tipo de alojamento, sua localização ou ainda o valor das mensalidades são factores sensivelmente interferentes na configuração programática dessas residências.” (Scoaris, 2012, p. 121).

Podemos sim, referir os **tipos de alojamento** mais comuns, enumerados por Davis (2003) e Pride (2008), sendo o primeiro mais direccionado para o **tipo de moradia**, e o segundo focado na **forma do edifício** [Tabela 3].

Tabela 3 **Tipo de moradia e forma do edifício** mais comuns nos alojamentos de estudantes.

TIPOS DE MORADIA DAVIS (2003)	FORMA DO EDIFÍCIO PRIDE (2008)
<ul style="list-style-type: none"> • DORMITORIES / RESIDENCE HALLS DORMITÓRIOS / RESIDÊNCIAS 	<ul style="list-style-type: none"> • STAIRCASE ESCADARIA • CORRIDOR CORREDOR
<ul style="list-style-type: none"> • APARTMENTS AND STUDIOS APARTAMENTOS E ESTÚDIOS 	<ul style="list-style-type: none"> • FLATS APARTAMENTOS
<ul style="list-style-type: none"> • COUPLE / FACULTY HOUSING CASAS PARA CASAIS / PROFESSORES 	<ul style="list-style-type: none"> • INDIVIDUAL FLATS OR HOUSES APARTAMENTOS INDIVIDUAIS OU CASAS

DORMITÓRIOS/ RESIDÊNCIAS

“O uso da palavra “dormitório” é inapropriado para descrever as residências contemporâneas” (Blimling, 1995). A maioria das instituições abandonou este tipo de moradia, onde o significado de “dormitório” correspondia literalmente à sua função: um lugar para dormir. Agora, representam um lugar para estudar, socializar e fazer outras coisas além de dormir (Blimling, 1995, p. 21).

Este tipo de moradia, para Davis (2003), é mais adequado para alunos do 1º ano, por permitir um ambiente social para integrar novos alunos em grandes grupos de colegas. Tradicionalmente, os grandes “Halls of Residence” ofereciam um serviço central de refeitório o que fazia com que, nas residências, as instalações para cozinhar perto dos quartos, fossem mínimas (Pride, 2008).

Actualmente, o Refeitório assemelha-se a um edifício híbrido, adaptável a vários usos: para além de refeições, oferecem “*espaço para encontros de estudantes e actuações, conferências e seminários, laboratórios de informática, e salas de estudo em grupo*” (Davis, 2003, p. 173)

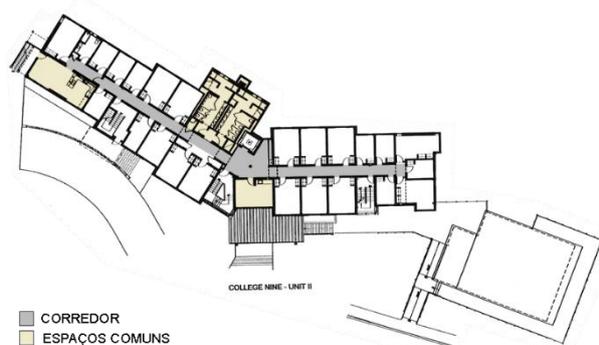
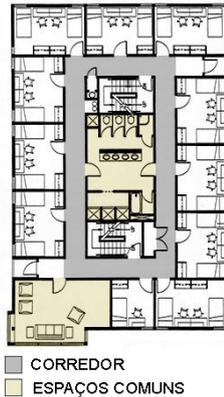


Figura 1 **CORREDOR LINEAR**. College Nine Residence Halls⁵ (Davis, 2003)

⁵ Universidade da Califórnia, Santa Cruz. Esherick Homsey Dodge and Davis, Architects.



(Davis, 2003)

Figura 2 **CORREDOR EM TORNO DE UM NÚCLEO DE SERVIÇOS**. Stevenson College (Davis, 2003)

CORREDOR | LINEAR ou EM TORNO DE UM NÚCLEO DE SERVIÇOS

O típico arranjo de uma residência de estudantes é feito pela disposição de áreas públicas no piso térreo, junto à entrada principal, sendo os restantes pisos destinados à área de quartos. A organização da planta, “mais comum”, é definida por um corredor com quartos dos dois lados, instalações sanitárias agrupadas e escadas nos topos (Davis, 2003, p. 163). O corredor, em conjunto com um elevador, facilita as acessibilidades e garante o acesso a um maior número de quartos, de forma económica. No entanto, é necessário um desenho cuidado pois, para além de ser difícil garantir luz e ventilação natural, facilmente se cria um ambiente monótono e institucional (Pride, 2008).



Figura 3 **ESCADARIA** - Balliol College⁶, Oxford. MJP Architects

ESCADARIA

Este arranjo é representado por edifícios independentes, divididos em vários pisos, com o acesso garantido por uma única escadaria. Ao contrário do esquema anterior, a colocação dos elevadores é mais cara, visto que tem de ser colocado um em cada edifício. Ainda assim, representa um bom ambiente para formação de grupos sociais, pelo número de quartos limitado por piso (Pride, 2008).

Como referido anteriormente, o **quarto de estudo** – *study bedroom* – é o principal elemento de composição das residências de estudantes, sendo uma unidade repetitiva que, pela forma como é agrupada, define o desenho do edifício. A unidade de alojamento consiste, tipicamente, na mistura de

⁶ **Planta do piso** (Pride & Schuster, 2012) e **Planta do conjunto** (fonte: <https://newoxfordarchitecture.com/2015/09/18/balliol-college-jowett-buildings/>)

quartos – individuais e partilhados – que abrem directamente para o corredor ou são agrupados em suites (Davis, 2003). Possibilitar a variedade, para além de reduzir o carácter institucional, oferece ao aluno a escolha quanto ao custo e tipo de quarto. Neste tópico não se pretende analisar os tipos de quarto, apenas referir os arranjos mais comuns presentes nos Dormitórios/ Residências de estudantes.



Figura 4 **TIPOS DE QUARTOS:** INDIVIDUAL E DUPLO, SUÍTES⁷ (Davis, 2003)

A disposição mais frequente coloca os quartos, na sua maioria individuais e duplos, a abrir directamente para o corredor. Davis (2003) apresenta dois tipos de suite, como alternativa ao arranjo comum: **suite com casa de banho** e **suite com casa de banho e sala** [Figura 4].

A planta típica resulta do agrupamento de 4 a 6 quartos, individuais ou duplos, que passam a partilhar uma instalação sanitária e/ou uma sala de estar. A suite cria a sua própria comunidade e garante a

⁷ **Quarto individual e duplo/ Suíte com casa de banho:** *Colleges 9 e 10 Residence Hall*, Universidade da Califórnia, Santa Cruz / *UC Berkeley Unit I and II*, Universidade da Califórnia, Berkeley, ambos de Esherick Homsey Dodge and Davis, Architects. **Suíte com sala e casa de banho:** *Bowdoin College*, Brunswick, Maine, William Rawn Associates Architects

privacidade que não é garantida nos quartos que estão directamente voltados para o corredor. Este é um formato que atrai os estudantes universitários mais velhos, que preferem viver com um grupo particular de pessoas. A principal diferença entre uma suite e um apartamento é o facto de esta não ter cozinha (Davis, 2003).

APARTAMENTOS E ESTÚDIOS

Este arranjo é geralmente destinado a investigadores ou estudantes em pós-graduação. Os apartamentos resultam do agrupamento de um número definido de quartos que partilham áreas comuns – sala, cozinha e casa de banho -, que podem ser combinados com o esquema de corredor, que subdividido, cria apartamentos separados (Pride, 2008). Enquanto que os quartos e suites podem partilhar um edifício, os apartamentos, para além de serem mais caros de construir, são agrupados num edifício separado (Davis, 2003).

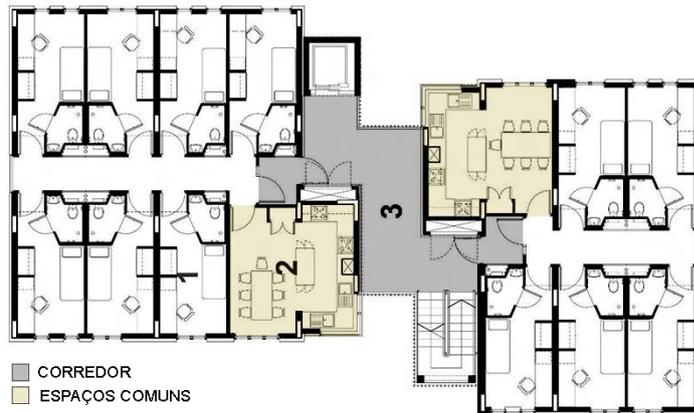


Figura 5 APARTAMENTOS: *Newington Green*, London, Haworth Tompkins Architects (Pride, 2008)

CASAS E APARTAMENTOS INDIVIDUAIS

Destinada para professores ou estudantes casados, este tipo de moradia vai de encontro aos tipos de habitações convencionais – duplex, apartamentos e ou casas unifamiliares – que podem ser arrendadas ou vendidas, consoante as necessidades locais. Geralmente o corpo docente consegue encontrar habitação fora do campus mas, com a subida de preços no mercado imobiliário, algumas universidades são “obrigadas” a facultar moradia para atrair os melhores candidatos (Davis, 2003).

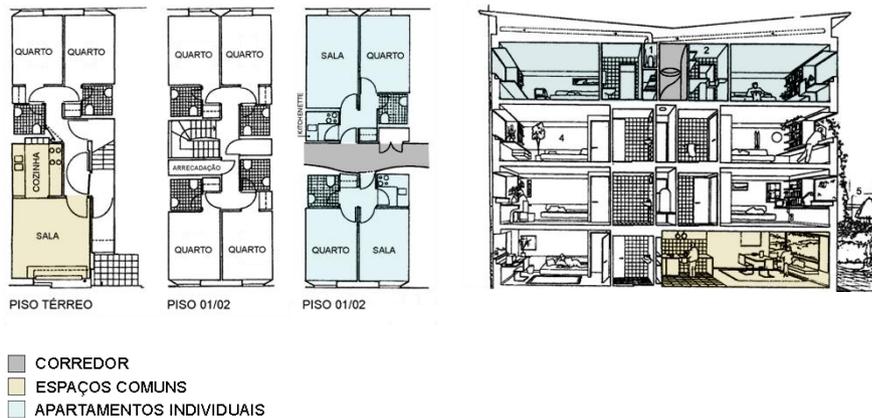


Figura 6 **APARTAMENTOS:** *Constable Terrace*⁸. Adaptado de (Pride, 2008)

⁸ University de East Anglia, Rick Mather Architects

2.4. PREOCUPAÇÕES DE DESENHO

Na Gestão e Processo de Projecto, Davis (2003) refere que um desenho de uma residência exige o compromisso de muitos indivíduos, que devem incluir: arquitecto, chefes de habitação e instalações, estudantes, representante do escritório de orçamento, gestor de projecto e equipa principal de consultores. **Informações básicas necessárias para o programa da residência** – número de estudantes, dimensões de salas e instalações sanitárias (determinados pelo número de alunos que as utilizam), como serão distribuídas as unidades, a quantia e tipo de financiamento (baseado num valor específico por cama), **serão fornecidas no programa do cliente.**

Neste capítulo pretende-se apontar algumas preocupações e recomendações com o desenho do alojamento de estudantes, com base no estudo de Davis (2003), complementando com informações de outros autores, sempre que se justifique. Com algumas adaptações, a lista de temas abordados por Davis (2003) foram divididos entre o **desenho exterior** – planeamento urbano: contexto, espaços livres, paisagismo e carácter arquitectónico – e o **desenho de interior** – espaços públicos, acessos e circulação quartos –, organizados na Tabela 4.

Tabela 4 **PREOCUPAÇÕES COM O DESENHO** – LISTA DE ESPAÇOS A DESENHAR. Adaptado de (Davis, 2003)

DESENHO EXTERIOR	
PLANEAMENTO URBANO	CONTEXTO
	ESPAÇOS LIVRES
	PAISAGISMO
	CARÁCTER ARQUITECTÓNICO
DESENHO INTERIOR	
ESPAÇOS PÚBLICOS	HALL DE ENTRADA
	LOUNGES
	REFEITÓRIOS
	ESPAÇOS AUXILIARES
ACESSOS E CIRCULAÇÃO	CORREDORES
	ESCADAS
QUARTOS	ENTRADAS DOS QUARTOS
	TIPOS DE QUARTO
	MOBILIÁRIO
	INSTALAÇÕES SANITÁRIAS

2.4.1.DESENHO EXTERIOR

PLANEAMENTO URBANO

Independentemente do terreno ser urbano, semi-urbano ou rural, o maior desafio passa por conseguir adicionar o projecto da residência, no campus ou bairro, para que fique enquadrado com a envolvente e ao mesmo tempo crie o seu próprio local.

CONTEXTO

- Quando construídas em **ambientes urbanos**, a tendência é desenhar e dimensionar os edifícios de acordo com a escala da vizinhança.
- No entanto, nas **áreas sub-urbanas e rurais**, onde muitas vezes *"não há tecido construído para dar resposta, os edifícios devem criar espaço e identidade, respeitando o ambiente natural envolvente e as preferências dos seus usuários"* (Davis, 2003, p. 164)

ESPAÇOS LIVRES

- Os **espaços livres**, no interior e ao redor dos edifícios residenciais, devem ser usados de forma a evitar a natureza estática dos blocos, interagindo com as rua e vias de circulação.
- Devem ser considerados espaços livres maiores, nos complexos residenciais, para permitir sociabilização e recreação informal.
- Os **pátios** podem permitir a criação de espaços livres direccionados para a comunidade interna, **combinando caminhos e espaços de estar**, que devem garantir a entrada de luz, evitando ambientes escuros e pouco convidativos. Se o clima permitir, também podem ser planeadas áreas de refeições ao ar livre.
-

PAISAGISMO

- Deve ser projectado para maior durabilidade, para suportar o uso intensivo.
- A **vegetação**, planeada com cuidado, pode reforçar o planeamento urbano e a arquitectura, criando zonas de sombra entre os edifícios. No entanto, é preciso garantir que, com o uso da vegetação, não são criados problema de visibilidade e segurança.
- *“Os pedestres são considerados os usuários mais importantes de um conjunto habitacional; arcadas, coberturas, estruturas de sombra e plantações devem ser usadas na interface entre os edifícios e a rua e em espaços ao ar livre, para oferecer passagens seguras com acesso ao sol, sombra, abrigo, e espaço aberto”*(Davis, 2003, p. 169)
- *“Caminhos claros são essenciais para o desenvolvimento bem-sucedido de um local de habitação”* (Davis, 2003, p. 169). No entanto, é necessário afastar os percursos, que incentivem encontros e reuniões informais, das janelas dos quartos e salas. Com o recurso ao paisagismo, podem ser criados *buffers* para definir o limite entre os espaços públicos e privados.

CARÁCTER ARQUITECTÓNICO

O alojamento universitário deve **responder às condições locais**, e o carácter da arquitectura residencial, ao invés de precedentes históricos ou tendências estilísticas actuais, deve derivar do clima, terreno, e das características dos edifícios regionais (Davis, 2003, p. 162).

- *“As residências podem ser projectadas como um único edifício - baixo, médio e alto - ou como um **grupo de estruturas** de um complexo habitacional”*. O desenho de blocos habitacionais devem garantir a **“escala humana”**, divididos em várias massas de identidade própria (Davis, 2003, p. 170).

- As **áreas comuns** do edifício devem ser orientadas de acordo com o **clima, vistas e o local**
- Os complexos habitacionais **devem partilhar uma paleta comum de materiais, cores e linhas de telhado**, e embora a variedade na arquitectura da moradia seja desejável, quando inserida no campus, deve conter elementos que a vinculem (Davis, 2003, p. 170).
- No entanto, Scoaris (2012) defende que aspecto exterior do edifício, com o desenho trabalhado de uma fachada e a organização espacial diversificada, ajudam a reduzir a escala e a percepção de um ambiente institucional, onde se associa a monotonia e repetição.

2.4.2.DESENHO INTERIOR

ESPAÇOS PÚBLICOS

“Os espaços públicos devem incentivar a reunião dos moradores do edifício” (Davis, 2003, p. 170)

HALL DE ENTRADA

- Devem ser utilizados materiais duráveis e de baixa manutenção, por serem áreas de grande uso e tráfego intenso.
- Os acessos verticais, escadas ou elevador, devem estar ligados à entrada do edifício, que deve ser bem iluminada e com boa segurança para controlar o acesso

LOUNGES

- *“Lobbies e lounges têm várias funções: permitem a circulação de entrada, são bons lugares para localizar painéis de anúncios e estão próximos das comodidades públicas do edifício”*

(Davis, 2003, p. 175). Geralmente localizados no piso térreo, permitem a realização de diferentes actividades e eventos sociais.

ESPAÇO DE REFEIÇÕES

REFEITÓRIO (Davis, 2003, p. 173)

- O módulo de planeamento dos refeitórios é baseado em m² por assento – no caso do serviço de alimentação da faculdade, a regra geral é de aproximadamente 3,6 a 4,6 m², incluindo assentos e área de circulação
- Com a ajuda de um consultor de cozinha e restaurantes, devem ser consideradas as taxas de rotatividade dos assentos, bem como os requisitos de tamanho e layouts dos equipamentos da área de produção e necessidades de armazenamento, de acordo com o tipo de serviço a ser prestado
- As áreas comuns incluem espaços para servir, áreas de armazenamento, confecção e preparação de alimentos e preparação de alimentos, e copa. As áreas de suporte privadas incluem escritório de um gerente e instalações para funcionários.
- Outras áreas do prédio incluem instalações sanitárias e, possivelmente, armários para as mochilas dos alunos.

COZINHAS E ESPAÇOS DE REFEIÇÃO (Pride, 2008)

- “No alojamento de estudantes, a cozinha/espacos de refeição fornecem um foco social para o grupo de quartos que serve, com oportunidades de encontros casuais, conversas e amizade”. (Pride, 2008)
- “Tradicionalmente, instalações de restauração centrais são fornecidas em residências maiores, com apenas instalações mínimas para cozinhar perto dos quartos de estudo” (Pride, 2008). **Nas residências actuais** – “por razões de economia, cultura e conveniência, a maioria dos estudantes prefere a liberdade de cuidar de si” – **são fornecidas cozinhas e espacos de refeição auto-suficientes que servem um determinado grupo de quartos** (Pride, 2008)
- **Podem ser organizadas junto de áreas comuns** – entradas, escadas e corredores, possibilitando oportunidades de interacção e vigilância informal – e localizadas de forma a evitar que o barulho seja incómodo para os quartos.
- A zona de refeição deve garantir que todos os alunos que a partilham possam comer ao mesmo tempo, de preferência incluindo espaco para os hóspedes.
- Para evitar o carácter institucional, os móveis não devem ser fixos.
- As **zonas de refeições**, como descrito anteriormente na **Tabela 2 Funções e actividades dos estudantes universitários**, adaptado de (Scoaris, 2012), compreendem as actividades de preparo de alimentos, arrumação de louças e utensílios, tratamento de resíduos, realização de refeições correntes e formais e estar à mesa. Na tabela seguinte, são enumeradas algumas dimensões relativas ao mobiliário mínimo Scoaris (2012)⁹

⁹ Scoaris (2012) **fundamenta as dimensões** em PRIDE, Liz. *Student Housing and House for Young People*. In: ADLER, David (org.). *Metric Handbook: Planning and design data*. Oxford: Architectural Press, 1999.; **os espacos de actividades** em

Tabela 5 **MOBILIÁRIO MÍNIMO INDICADO PARA ÁREA DE REFEIÇÕES**: adaptado de (Scoaris, 2012, p. 140)

MOBILIÁRIO	DIMENSÕES (por morador)	ESPAÇOS DE ACTIVIDADES (m)
BANCADA COM LAVA-LOIÇAS	0.60 x 0.60 m	1.00 à frente - bancada com fogão 0.80 à frente - armários sob a bancada
ESPAÇO NO FRIGORÍFICO	0,13 m ³	1.00 à frente 0.70 à frente
ARMÁRIO INDIVIDUAL (FECHADO)	0,30 m ³	0.80 à frente
1 FOGÃO	4 bocas / 5 moradores	1.00 à frente
1 MICROONDAS	–	0.50 à frente
MESA	0.60 x 0.40m	0.60 ao redor

ESPAÇOS AUXILIARES

- A **lavandaria** é um espaço auxiliar que geralmente serve um edifício, podendo por vezes servir dois. É um espaço que necessita especial atenção quanto à necessidade de ventilação, causada pelo aquecimento gerado pelas máquinas de secar. Assim sendo, localizá-las junto às paredes exteriores é uma boa opção.

PEDRO, J.; BOUERI, J. J. *Projeto e dimensionamento dos espaços da habitação. Espaço de atividades*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008. Disponível em http://www.estacaolettras.com.br/pdfs/ebook_espaco_atividades.pdf
Acessado em Julho de 2010

2.4.3. ACESSOS E CIRCULAÇÃO

CORREDORES

- O desenho de **corredor** mais comum é o de **carga dupla**, ou seja, com quartos de ambos os lados. A qualidade do espaço pode ser melhorada com a **entrada de luz natural**, pontualmente, ao longo do corredor. No comprimento total do corredor devem ser acomodados entre 8 a 20 alunos, para criar um senso de comunidade em cada piso.
- Scoaris (2012) afirma que este típico corredor de acesso contínuo, com quartos dos dois lados, é considerado um factor negativo, já que transmite uma sensação de clausura e anonimato.
- Outra opção é o **corredor de carga única**, com quartos apenas de um lado, podendo ser ampliado em locais estratégicos, criando espaços de estar informais em frente aos quartos. Surgem também algumas variações, com **corredores exteriores**, permitindo a ventilação directa e a redução de custos de construção e manutenção.
- Outro tipo de **corredor envolve um núcleo central**, com instalações sanitárias, circulação vertical e espaços de serviços, dividindo o piso em **grupos sociais menores**. Os quartos ficam com o uso de toda a parede externa do edifício.

ESCADAS

- As escadas podem funcionar como uma extensão de outros espaços sociais, incentivando o encontro e a reunião.
- Da mesma forma que o corredor, **podem gerar espaços “acidentais”** – espaços de circulação ou corredores onde é possível a *“utilização de determinados equipamentos, mobiliário ou elementos construtivos estrategicamente projectados como aglutinadores sociais”*, **criando zonas de convívio** (Scoaris, 2012, p. 117).

- No *Regulamento de Segurança Contra Incêndio em Edifício de Habitação* (Decreto-Lei nº 64/90 de 21 de Fevereiro dos Ministério da Administração Interna e das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, 1990):
 - Artigo nº 31 - o **número de escadas e a sua localização**, num edifício, **dependem da distância** a ser percorrida **entre a porta** de qualquer habitação **e a caixa da escada**:
 - **uma escada**, quando a distância não exceder os 15 m.
 - **duas ou mais escadas**, quando for superior a 15 m, sendo que a distância entre elas deverá ser maior que 10 m e menor 45 m.
 - se a habitação se encontra num corredor secundário, **a distância entre a porta e o corredor principal** não deve exceder os 10 m.
 - Artigo nº 32 – as **escadas, lanços e patamares** devem ter, no mínimo, **1.20 m de largura**, livres de obstáculos (incluindo o corrimão).

2.4.4. QUARTOS

“The building block for student housing is the student's room” (Davis, 2003)

ENTRADAS DOS QUARTOS

- Agrupar quartos, em vez de os colocar, directamente, em contacto com corredor de acesso, possibilita uma **transição gradual entre o espaço público e privado** – “ao mesmo tempo em que se resguarda a privacidade das áreas sociais dos apartamentos, ao retirá-las do campo visual das pessoas que circulam pelas passarelas, este compartimento concede aos moradores um pequeno espaço de uso comum passível de ser apropriado por aqueles que o compartilham” (Scoaris, 2012, p. 106).
- **“A porta do aluno, bem como a área ao seu redor, deve ser considerada parte do espaço do aluno, não apenas uma abertura anónima em um corredor ou parede externa e deve permitir a personalização”** (Davis, 2003, p. 175).

TIPOS DE QUARTO (Pride, 2008)

- O quarto **“é o elemento mais importante no projecto: ele precisa facilitar uma série de funções num pequeno espaço - dormir, estudar, relaxar e socializar”** (Pride, 2008).
- O quarto deve garantir **privacidade, segurança, boa iluminação e ventilação**, e de preferência, uma **vista para o exterior**.
- **“Os quartos também devem ser dimensionados e planejados para permitir diferentes configurações de móveis”** (Davis, 2003, p. 176). Para evitar o ambiente institucional, Pride (2008) refere que **devem ser oferecidos diferentes tipos de quarto**, com a possibilidade de **reorganização e personalização** por parte do estudante, sem comprometer/danificar o espaço.

- O quarto é mais facilmente personalizado do que os espaços comuns. Muitas vezes as regras não permitem personalização, de modo a salvaguardar a manutenção do espaço, factor que influencia negativamente a satisfação do estudante. “Nesta medida, a estruturação espacial de um dormitório universitário deveria comportar sua personalização dentro de uma conduta que possibilitasse sua fácil reconversão ao estado inicial” (Scoaris, 2012, p. 86).
- **A flexibilidade de arranjo dos dormitórios** – poder reorganizar o layout do quarto, de acordo com as suas preferências, é considerado um factor positivo para a satisfação residencial. Mesmo com mobiliário móvel, situações como dimensões reduzidas e má localização de portas e janelas, podem limitar a flexibilidade, da mesma forma que o mobiliário fixo. O arquiteto “pode contribuir para criar um ambiente que ofereça muito mais oportunidades para que as pessoas deixem suas marcas e identificações pessoais, que possa ser apropriado e anexado por todos como um lugar que realmente lhe «pertença»” (Hertzberger, 1999, cit in Scoaris, 2012, p. 98)

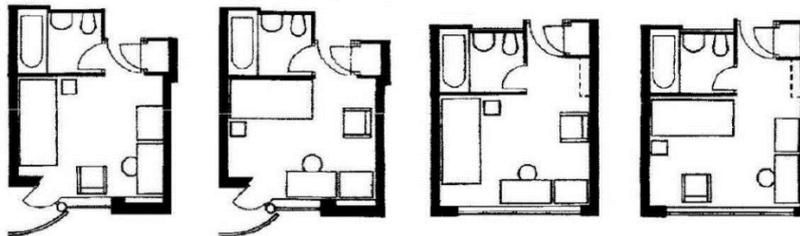


Figura 7 **LAYOUTS FLEXÍVEIS**. Queen Mary and Westfield College (Scoaris, 2012, p. 97)

- **Dormitório como local de convívio** – os quartos, para além de servir para repouso e estudo, devem ter dimensão para permitir reuniões sociais e acomodar pequenos grupos, principalmente quando não existem áreas de convívio nas proximidades. “Um quarto de dormitório universitário deve atender a diferentes tipos de necessidades. Não podemos pensar nele apenas como um local de estudo. É também a área de que o estudante dispõe

para dormir e, na maioria dos casos, seu principal local social” (Somer, 1973, cit in Scoaris, 2012, p. 105).

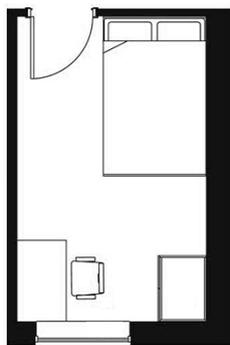
- **A combinação de vários tipos de quartos irá reflectir as diferentes necessidades dos estudantes**, podendo ser *“quartos individuais e compartilhados, quartos com e sem casa de banho privativa, quartos “studio” com casa de banho privativa e área de cozinha, e apartamentos convencionais ou compartilhados. (Pride, 2008)*
- Os quartos são quase sempre de ocupação individual ou dupla. *“Geralmente, à medida que os alunos avançam na idade e no status académico, eles querem mais privacidade e independência” (Davis, 2003, p. 172).*
- Nas residências actuais, grande parte dos quartos têm instalações sanitárias (I.S.) privativas, principalmente quando se pretende que a residência possa ser usada fora do período lectivo (possibilidade de funcionar como albergue).
- Pride (2008) define os tipos de quartos mais comuns e áreas respectivas:

TABELA 6 ÁREAS E TIPOS DE QUARTOS (Pride, 2008)

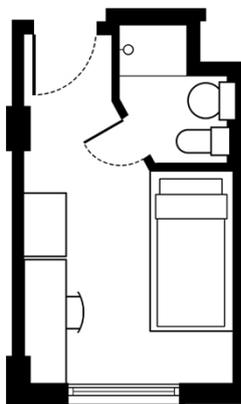
TIPOS DE QUARTOS	ÁREA
NON-ENSUITE QUARTO SIMPLES	10 m²
ENSUITE QUARTO + I.S.	13 m²
STUDIO QUARTO + I.S. + COZINHA	18 m²

- De seguida são apresentados os **tipos de quarto e algumas variações**, apresentadas por (Pride & Schuster, 2012)

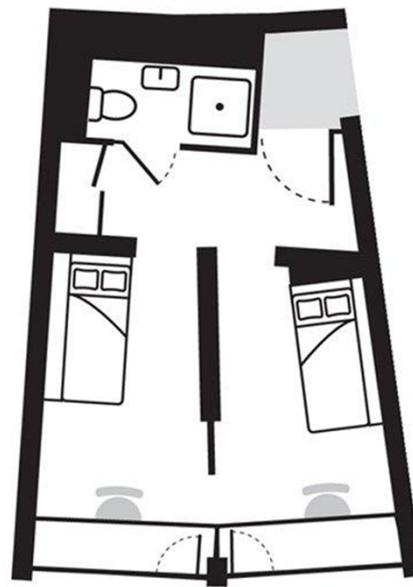
Figura 8 VARIAÇÕES DOS TIPOS DE QUARTO: **NON ENSUITE**, **ENSUITE** E **TWIN ENSUITE**. Pride (2012)



NON ENSUITE
QUARTO SIMPLES
Liberty Living, Newcastle. Pride (2012)



ENSUITE
QUARTO + I.S.
University of London. Pride (2012)



TWIN ENSUITE
QUARTO SEMI-PARTILHADO + I.S.
Urbanest, Westminster Bridge Road, AHMM. Pride (2012)

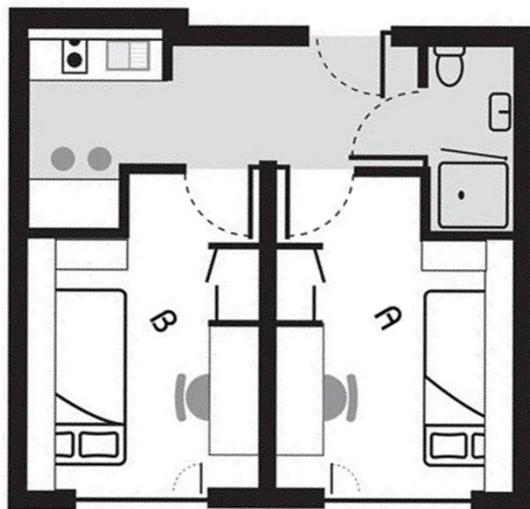


Figura 10 **ENSUITE** University of London. Pride (2012)



Figura 10 **TWIN ENSUITE** Urbanest. Pride (2012)

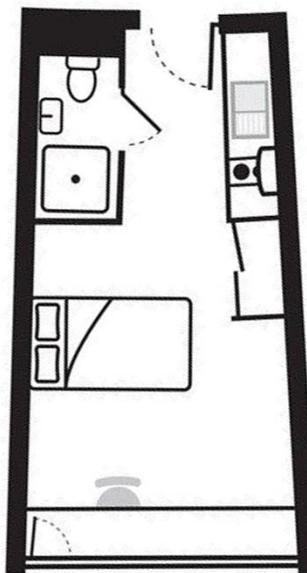
Figura 12 VARIAÇÕES DOS TIPOS DE QUARTO: **NON ENSUITE FLAT, STUDIO FLAT E STUDIO**. Pride (2012)



NON-ENSUITE FLAT

2 QUARTOS + I.S. + COZINHA

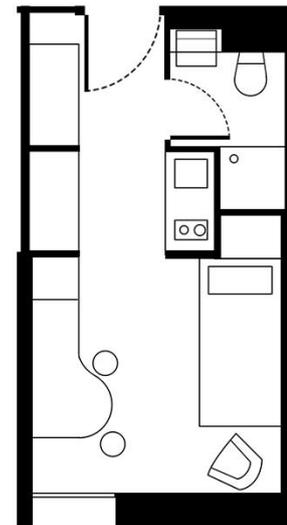
Urbanest Bridge Road, AHMM. Pride (2012)



STUDIO FLAT

QUARTO + I.S. + COZINHA

Urbanest B. Road, AHMM. Pride (2012)



STUDIO

QUARTO + I.S. + COZINHA

LHA Torquay House, MJP. Pride (2012)

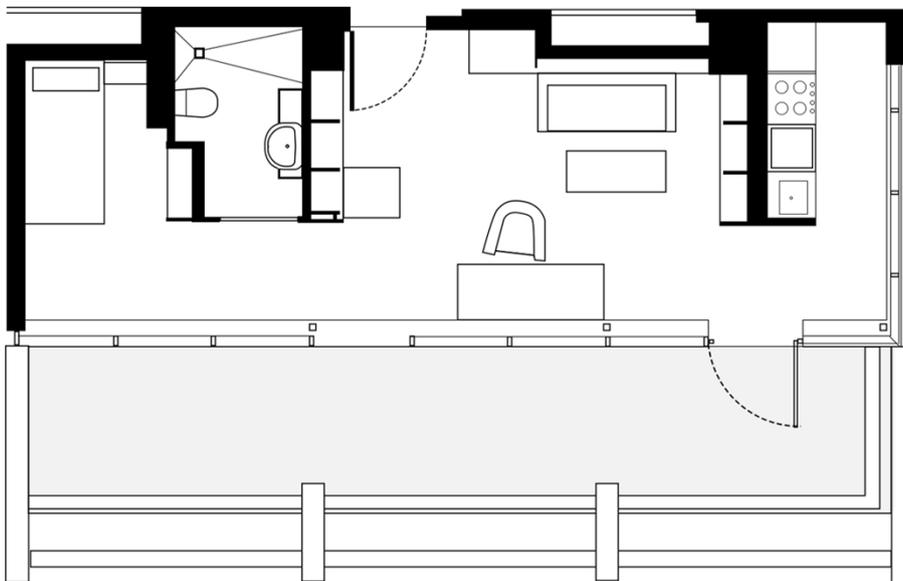


Figura 13 **STUDIO FLAT** Urbanest. Pride (2012)



Figura 11 **STUDIO** LHA Torquay. Pride (2012)

Figura 14 VARIAÇÕES DOS TIPOS DE QUARTO: **STUDIO WITH SEPARATED ACTIVITIES**. Pride (2012)



STUDIO WITH SEPARATED ACTIVITIES
QUARTOS + I.S. + COZINHA (ZONAS)
St. John's College Oxford, MJP Architects. Pride (2012)



Figura 15 **STUDIO WITH SPARATED ACTIVITIES** St. John's College. Pride (2012)

MOBILIÁRIO

- Normalmente, cada aluno exige: cama de solteiro, guarda roupa, secretária, cadeira de secretária, prateleiras ou estante, cómoda e poltrona [Tabela 7].

Tabela 7 **MOBILIÁRIO MÍNIMO PARA OS QUARTOS**. Adaptado de (Scoaris, 2012, p. 131)¹⁰

MOBILIÁRIO	DIMENSÕES (m)	ESPAÇOS DE ACTIVIDADES (m)
CAMA	0.90 x 2.00	0.50 ao redor
MESA DE CABECEIRA	0.50 x 0.40	0.50 à frente 0.05 ao lado
GUARDA-ROUPA	0.90 x 0.60	0.80 à frente
SECRETÁRIA	0.70 x 1.20 mínimo 0.70 x 1.80 recomendado	0.80 x 0.60 área à frente
CADEIRA DE SECRETÁRIA	–	–
PRATELEIRAS / ESTANTE	3.60 x 0.30	–
CÓMODA	0.80 x 0.70	0.80 à frente
POLTRONA	–	0.80 à frente

- Na maioria das vezes, as residências seguem os padrões de móveis definidos pelas universidades. Por razões de economia de construção, os acabamentos e materiais são padronizados e podem criar uma imagem de repetição e monotonia, que deve ser evitada, sempre que possível (Scoaris, 2012, p. 70).

¹⁰ Scoaris (2012) **fundamenta as dimensões** em PRIDE, Liz. *Student Housing and House for Young People*. In: ADLER, David (org.). *Metric Handbook: Planning and design data*. Oxford: Architectural Press, 1999.; **os espaços de actividades** em PEDRO, i ; BOUERI, J. J. *Projeto e dimensionamento dos espaços da habitação. Espaço de actividades*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008. Disponível em http://www.estacaolettras.com.br/pdfs/ebook_espaco_atividades.pdf Acessado em Julho de 2010

- O **mobiliário móvel**, para além de permitir a **flexibilidade necessária para os estudantes organizarem o espaço como desejarem**, têm a vantagem adicional de **reduzir os custos de construção** (os móveis costumam ser custeados separadamente do próprio edifício).

INSTALAÇÕES SANITÁRIAS (Pride, 2008)

- Como referido anteriormente, nas residências actuais, grande dos quartos têm instalações sanitárias privativas. Quando não são previstas instalações sanitárias individuais, deve ser ponderada a proximidade, acústica e privacidade visual. Normalmente são destinados, a cada 5 alunos, uma sanita, lavatório e duche.
- **São geralmente projectadas com áreas mínimas e com um desenho simples**, para ser mais fácil construir, e gerar menos problemas de manutenção e limpeza.
- Quando as **instalações sanitárias são partilhadas**, a *“subdivisão espacial do compartimento”* pode ser uma solução, permitindo *“o uso em simultâneo de diversos equipamentos”* (Scoaris, 2012, p. 144).
- Por exemplo, **podem ser criados dois compartimentos**: um para o **duche e área de vestir** e outro para a **sanita e lavatório**. Scoaris (2012) refere outro exemplo, relativo ao compartimento do duche, que é subdividido em duas áreas: *“área molhada, com ducha e prateleira com dimensões adequadas a acomodação dos utensílios de banho de todos os moradores que o partilham”* e *“área seca para a troca de roupas, equipada com ganchos/cabideiros e um pequeno banco de apoio”*.
- As instalações sanitárias **devem ser desenhadas para garantir privacidade, utilidade e manutenção**. Se localizadas nas paredes exteriores, podem beneficiar de janelas para ventilação e entrada de luz natural, para além dos sistemas de ventilação mecânica. Por razões de economia, função e acústica, a canalização deve ser agrupada sempre que possível. (Davis, 2003, p. 175)

3. CASOS DE ESTUDO

3.1. Apresentação e descrição dos projectos

3.2. Proposta geral

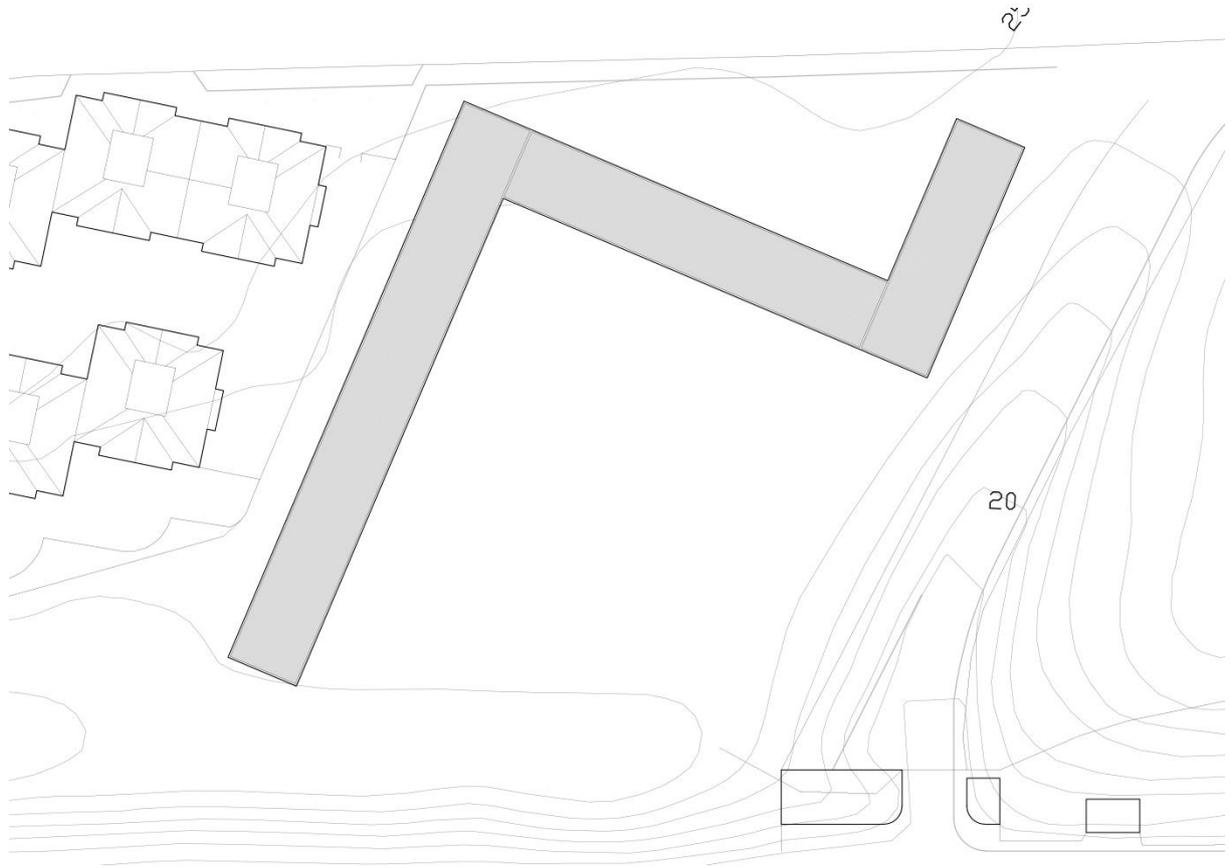
3.3. Proposta da residência

4. RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA DE CARCAVELOS

4.1. Análise do território

4.2. Proposta de grupo

4.3. Proposta individual



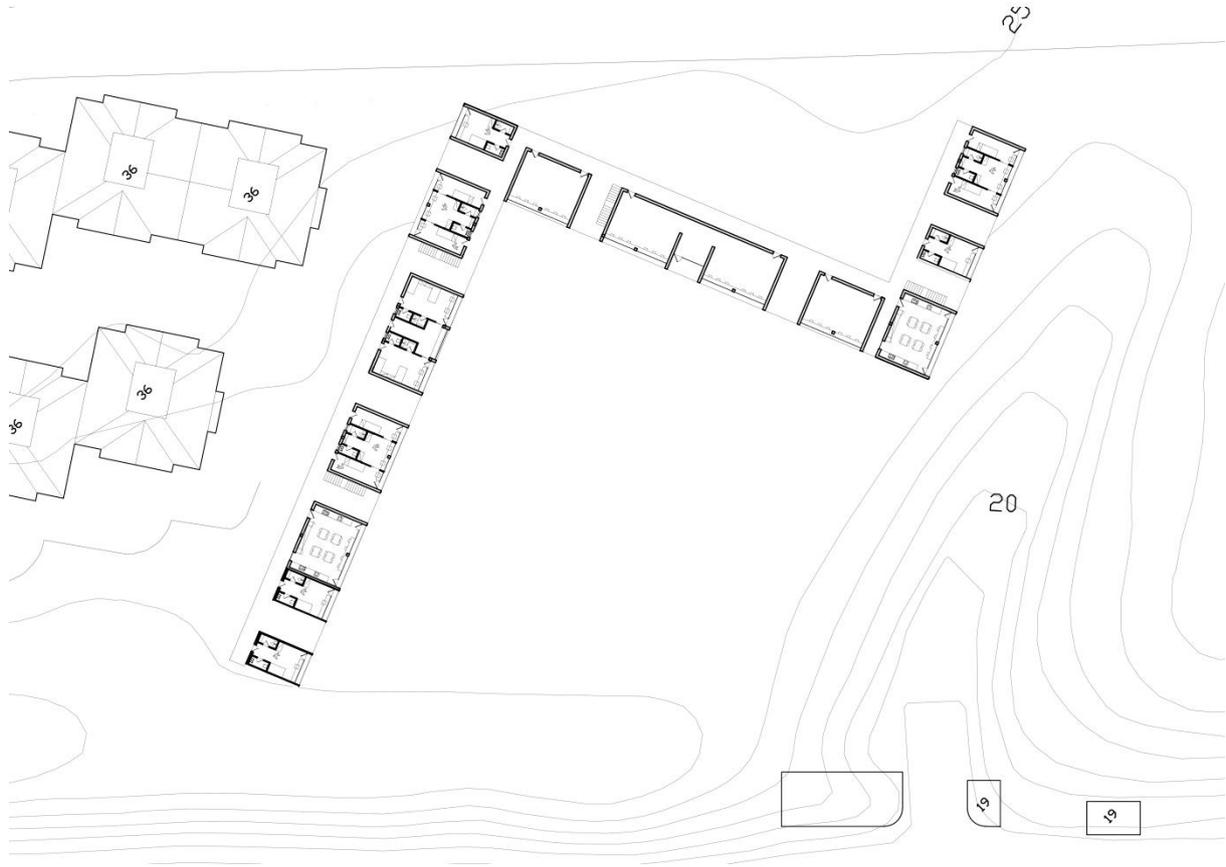
Planta de Cobertura



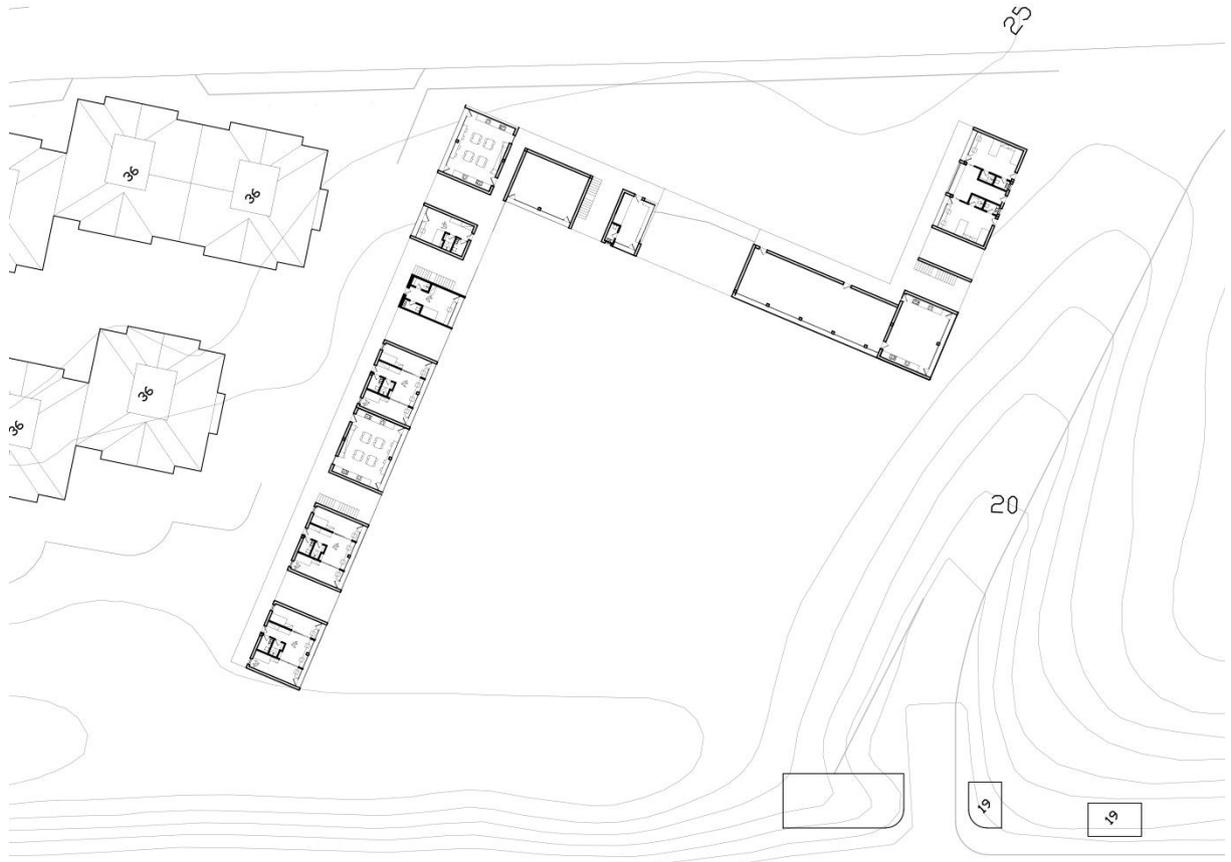
Planta Piso 03



Planta Piso 02



Planta Piso 01



Planta Piso 00

5. CONCLUSÕES

As universidades têm demonstrado interesse em estudar o nível de satisfação dos estudantes universitários, pois reconhecem que a experiência de viver numa residência molda o comportamento e a personalidade do aluno, que conseqüentemente influencia o seu desempenho acadêmico. Este interesse nem sempre esteve presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barreto, D. (2014). *Morádias estudantis das universidades federais do sul do Brasil: reflexões sobre as políticas de gestão universitária*. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Blimling, G. (1995). The history of Residence Halls. In *The Resident Assistant: working with College Students in Residence Halls* (Fourth, pp. 19–40). Kendall/Hunt Publishing Company.
- Davis, C. M. (2003). 6. Housing. In D. J. Neuman & S. A. Kliment (Eds.), *Building type basics for college and university facilities* (2003rd ed., p. 311). John Wiley & Sons.
- Decreto-Lei nº64/90 de 21 de Fevereiro dos Ministério da Administração Interna e das Obras Públicas, Transportes e Comunicações.* , Pub. L. No. Diário da República: 1 Série, nº 44 (1990).
- Heilweil, M. (1973). THE INFLUENCE OF DORMITORY ARCHITECTURE ON RESIDENT BEHAVIOR.pdf. *Environment and Behavior*, 5(4), 377–412.
- Pride, L. (2008). Student housing and housing for young people. In D. Littelfield (Ed.), *Metric Handbook Planning And Design Data* (Third, pp. 144–155). Elsevier Ltd.
- Pride, L., & Schuster, R. (2012). Student Accommodation: the impact of design on the experience of university. *Bricks, Bed & Higher Education: The Transformation of Student Accommodation in Britain*. Retrieved from https://www.srhe.ac.uk/downloads/events/320_TheDesignofstudentaccommodation.pdf
- Scoaris, R. de O. (2012). *O PROJETO DE ARQUITETURA PARA MORÁDIAS UNIVERSITÁRIAS*. Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.
- Tavares, F. O., Pacheco, L. D., & Pereira, E. T. (2018). Residências Universitárias : Uma Revisão da Literatura University Residences : A Literature Review. *ROSA DOS VENTOS Turismo e*

Hospitalidade, 10 nº2, 268–284. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v10i2p268>

RESUMO4

Thomsen, J. (2007). Home Experiences in Student Housing : About Institutional Character and Temporary Homes. *Journal of Youth Studies*, 10: 5(November 2007), 577–596.
<https://doi.org/10.1080/13676260701582062>

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1 CORREDOR LINEAR . COLLEGE NINE RESIDENCE HALLS (DAVIS, 2003).....	24
FIGURA 2 CORREDOR EM TORNO DE UM NÚCLEO DE SERVIÇOS . STEVENSON COLLEGE (DAVIS, 2003)	25
FIGURA 3 ESCADARIA - BALLIOL COLLEGE, OXFORD. MJP ARCHITECTS	26
FIGURA 4 TIPOS DE QUARTOS : INDIVIDUAL E DUPLO, SUÍTES (DAVIS, 2003).....	27
FIGURA 5 APARTAMENTOS : <i>NEWINGTON GREEN</i> , LONDON, HAWORTH TOMPKINS ARCHITECTS (PRIDE, 2008)	28
FIGURA 6 APARTAMENTOS : <i>CONSTABLE TERRACE</i> . ADAPTADO DE (PRIDE, 2008)	29
FIGURA 7 LAYOUTS FLEXÍVEIS . QUEEN MARY AND WESTFIELD COLLEGE (<i>SCOARIS, 2012, P. 97</i>).....	41
FIGURA 8 VARIAÇÕES DOS TIPOS DE QUARTO: NON ENSUITE, ENSUITE E TWIN ENSUITE . PRIDE (2012)	43
FIGURA 10 ENSUITE UNIVERSITY OF LONDON. PRIDE (2012).....	43
FIGURA 10 TWIN ENSUITE URBANEST. PRIDE (2012)	43
FIGURA 11 VARIAÇÕES DOS TIPOS DE QUARTO: NON ENSUITE FLAT, STUDIO FLAT E STUDIO . PRIDE (2012)	44
FIGURA 12 STUDIO LHA TORQUAY. PRIDE (2012)	44
FIGURA 13 STUDIO FLAT URBANEST. PRIDE (2012).....	44
FIGURA 14 VARIAÇÕES DOS TIPOS DE QUARTO: STUDIO WITH SEPARATED ACTIVITIES . PRIDE (2012).....	45
FIGURA 15 STUDIO WITH SPARATED ACTIVITIES ST. JOHN'S COLLEGE. PRIDE (2012)	45

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 1 FUNÇÕES E ACTIVIDADES DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS, ADAPTADO DE (SCOARIS, 2012)	22
TABELA 2 TIPO DE MORADIA E FORMA DO EDIFÍCIO MAIS COMUNS NOS ALOJAMENTOS DE ESTUDANTES. ...	23
TABELA 3 FACTORES DE DESENHO DO USUÁRIO: ÁREAS DE ACTIVIDADE DO ESTUDANTE	15
TABELA 4 PREOCUPAÇÕES COM O DESENHO – LISTA DE ESPAÇOS A DESENHAR. ADAPTADO DE (DAVIS, 2003)	31
TABELA 5 MOBILIÁRIO MÍNIMO INDICADO PARA ÁREA DE REFEIÇÕES : ADAPTADO DE (SCOARIS, 2012, P. 140)	37
TABELA 6 ÁREAS E TIPOS DE QUARTOS (PRIDE, 2008).....	42
TABELA 7 MOBILIÁRIO MÍNIMO PARA OS QUARTOS . ADAPTADO DE (SCOARIS, 2012, P. 131)	46